

UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE MÍSTICA DE BRASÍLIA – DF

Janaína Mourão Freire¹
Dante Flávio da Costa Reis Júnior²

Resumo

Brasília constitui-se de duas vertentes de significado. A primeira, a mostra como cidade moderna e planejada; a segunda, mística, compõe o imaginário de Terra Prometida, destinada a ser o berço da Nova Era. Brasília foi analisada a partir do segundo ponto de vista, dando relevância ao seu valor simbólico. Para tanto, o trabalho utilizou-se da base fenomenológica da Geografia: a Geografia Cultural Humanística. Conceitos como o de Paisagem Cultural, Experiências Íntimas com o Lugar e Espaços Míticos deram base para a análise. Fez-se revisão bibliográfica do tema e realizaram-se entrevistas com místicos, historiadores e membros de instituições religiosas que, de alguma forma, se inserem no imaginário da capital. Brasília, como Terra Prometida, é cidade única e aqui se estudaram os aspectos simbólicos com olhar geográfico, em que as relações do homem com o espaço estão envoltas em intersubjetividade e desconsiderá-las em tal análise seria limitar as formas de compreensão do lugar. Concluiu-se que Brasília não pode ser completamente compreendida sem analisá-la como resultante de um imaginário, constituído por aspectos míticos e místicos e demonstrou-se que os símbolos caracterizam a cidade e dão origem a uma paisagem geográfica singular.

Palavras- Chave: Brasília; Paisagem Cultural; Fenomenologia.

¹ Autor - Geógrafa pela Universidade de Brasília- Brasil. Mestranda em Geografia da Universidade Federal de Goiás- Brasil. E-mail: janainamourao@gmail.com

² Co-autor – Professor Doutor da Universidade de Brasília- Brasil. E-mail: dantereis@unb.br

Introdução

Brasília é uma cidade especial já em sua gênese. Nasceu de um sonho. Nasceu mística. Em 1883, um padre católico italiano, Dom João Bosco, da ordem de São Francisco de Sales, a sonhou.

Ele, que jamais estivera no Brasil, nela anteviu a sede de uma nova era, de equilíbrio, progresso e espiritualidade. Registrou a profecia – com as minúcias de sua localização geográfica - num diário, que, ao se tornar público após sua morte, provocou reações de surpresa e entusiasmo no Brasil, já no início do século XX.

O governo federal de então, de Epitácio Pessoa, providenciou uma missão – a Missão Cruls – para demarcá-la. Antes, ainda ao tempo da Colônia – mais precisamente em 1808 - por razões estratégicas de segurança e de integração territorial, já havia sido pensada a transferência da capital do país para o Planalto Central, o que conferiu duplo estatuto à sua construção: de atendimento a uma demanda de Estado e a realização da profecia.

Setenta e sete anos depois da Missão Cruls, Juscelino Kubitschek a inaugurou, mudando o perfil geopolítico do Brasil.

A abordagem cultural na Geografia emerge desde o próprio amadurecimento da mesma enquanto ciência. Os gregos, embora adotassem um método descritivo e se confundissem, por vezes, a Cosmógrafos, deram indícios da importância da cultura na análise de uma área. Há mais de dois mil anos, falavam da condição de vida da população e da cultura dos povos. (ESTÉBANEZ, 1982)

No entanto, a base cultural se desenvolvia a passos lentos. Não necessariamente estagnada, mas com falta de uma sistematização clara. Por volta de 1925, Carl Sauer, pela perspectiva norte-americana, propõe uma estruturação para a Geografia Cultural. A escola de Berkeley deu origem a uma sólida tradição, onde os temas de investigação se voltavam para a dimensão material da cultura³. Essa ênfase também foi compartilhada pela Geografia Cultural alemã. O Positivismo desacelera o desenvolvimento de uma abordagem que vá além da materialidade, ou seja, que alcance o estudo das

³ Os geógrafos, nesse período, enfatizavam quatro temas: a análise das técnicas de uma área, os instrumentos de trabalho utilizados, a paisagem cultural e os gêneros de vida. Os três primeiros se referem à dimensão material da cultura, apenas o último alcança um nível imaterial. Com o tempo, os gêneros de vida foram considerados insuficientes para explicar a não-materialidade da relação homem e meio.(CORRÊA,1999)

representações e por isso, entre 1940 e 1970, a Geografia Cultural sofre uma estagnação. No entanto, para a valorização da diversidade na organização espacial da sociedade, tornou-se fundamental recorrer à dimensão cultural não material, fazendo surgir a Nova Geografia Cultural⁴. (CÔRREA, 1999)

Paul Claval, ao falar dos temas abordados pela Nova Geografia Cultural, dá a seguinte justificativa: “A percepção do real, os meios para modificá-lo e os sonhos, que muitas vezes servem de modelos para a ação, são produtos originados da cultura: é esta a importância desses temas” (CLAVAL, 1999, p.59). Segundo o mesmo autor, antigamente os geógrafos se preocupavam com a parte cultural relacionada aos hábitos, utensílios e técnicas (exemplos da abordagem material antes utilizada). No entanto, com algumas singularidades: a Geografia francesa dava ênfase aos gêneros de vida⁵ e a Geografia americana, seguida também pela alemã, centrava-se na paisagem cultural (esse termo ainda era utilizado de maneira bem diferente dos dias atuais). Essas formas de análise se apresentaram limitadas, em consequência do novo mundo globalizado, por dois principais motivos: a) a uniformização das técnicas, que traz um distanciamento do conteúdo material, fazendo com que a diversidade cultural esteja mais ligada as representações e valores; b) e a crítica epistemológica pós-moderna, que se afasta ainda mais da doutrina positivista.

“Para todos aqueles que aceitam a crítica pós-moderna, a cultura designa o conjunto de *savoir-faire*⁶, de práticas, de conhecimentos, de atitudes e de idéias que cada indivíduo recebe, interioriza, modifica ou elabora no decorrer de sua existência” (CLAVAL *apud* DUNCAN, 1999, p.64)

Essa nova Geografia sofre influência de três principais vertentes geográficas: a primeira, ainda vinculada à escola americana de Bekerley; a segunda, ao materialismo histórico dialético, que dá origem a Geografia Crítica⁷; e a terceira às

⁴ Inclusão das diversas dimensões não-materiais da cultura, o que permite um enriquecimento em relação à dimensão antes abordada pelos estudiosos de Bekerley.

⁵ Os gêneros de vida diferenciavam os hábitos e homens, mulheres e crianças. Pretendiam analisar os modos de existência dos grupos humanos; no entanto, como a diversificação das atividades, os gêneros de vida perdem credibilidade.(CLAVAL,1999)

⁶ Esse conceito não é uniforme, mas segundo algumas interpretações remete a habilidade ou sabedoria sobre algo. A tradução literal é *savoir* = saber; *faire* = fazer.

⁷ A cultura se insere como um reflexo da condição social imposta pelo modo de produção capitalista (CORRÊA, 1999).

filosofias de significado, caracterizadas como Geografia Humanística. (CÔRREA, 1999)

Para o presente trabalho, nos concentraremos na Geografia Cultural, vinculada à última abordagem exposta anteriormente. O ramo humanístico do que seria uma árvore geográfica permite que se alcance uma valorização da experiência, do sentimento e intuição, assim como da intersubjetividade do homem. Objetiva-se trabalhar com o conceito de espaço vivido, assim como aqueles expostos por Tuan a respeito das experiências íntimas com o lugar, espaço mítico e topofilia.

A base metodológica humanística aqui vai adquirir um referencial filosófico, voltado para o que se conhece como Fenomenologia.

A fenomenologia tem noção de intencionalidade. A compreensão da realidade é obtida através do olhar do observador, em sua relação enquanto sujeito para com o objeto, que é algo concreto. O processo de intuição é anterior à reflexão e esta por sua vez é dependente dos valores que o observador possui. A decomposição da realidade não ocorre de forma homogênea, pelo contrário, ela é histórica e intersubjetiva e por isso não há um caminho absoluto; existem diversos percursos a seguir.

Importante frisar que aqui adotaremos a fenomenologia através de um olhar geográfico. Isso significa dizer que centrar no homem e simplesmente nele não é nossa prioridade; pelo contrário, de nada vale, para nós, avaliá-lo sem sua relação com o meio. “(...) os fenomenologistas têm focalizado quase exclusivamente nos indivíduos e a experiência social e a interação têm sido construídas basicamente mais no contexto das relações interpessoais do que nas intergrupais” (BUTTIMER, 1985, p. 171). A vida em sociedade e a interação com o lugar são a base para o entendimento da presente pesquisa.

O misticismo da capital

Muito além de Brasília, existem aqueles que profetizam sobre a Nova Era da humanidade há muito tempo. O novo surgirá, para muitos, pelo Brasil, país que teria como missão ser o berço da nova civilização. Índícios dessa previsão são encontrados desde maçons a eubióticos, de profetas a espiritualistas e em canções e poesias. No íntimo do ser humano, o misticismo habita há séculos.

Anes Gonçalo Bandarra(1500-1556), trovador português, já fazia profecias que encantavam a população e preocupavam a Santa Inquisição, que não tardou a puni-lo. Falava, dentre outras coisas, do Quinto Império, o último que reinaria sobre a terra e surgiria pelo mundo lusitano. Os quatro impérios anteriores eram por ordem: Assírios, Medos, Persas e Romanos. Padre Antônio Vieira muito escreveu sobre as trovas de Bandarra, tornando-se um “paladino⁸ do sonho milenarista do Quinto Império” (MARQUES, 2004, p.1)

Em estudos posteriores, passou-se a considerar que o Quinto Império viria pelo Brasil, por ser um país de origem Lusitana e com potencial geográfico para cumprir tal missão.

Indícios do futuro do Brasil também se encontram em obras mais recentes como a de Giuseppe Drago⁹ (1969), que acreditava já se ter em findado os impérios tirânicos como os de César, Napoleão, Hitler, Mussolini e Stalin; dando lugar “à era do amor, que já se vai vislumbrando” (p.19). Sua teoria vai além, quando fala da importância de Brasília como a capital da futura América unida, que se converteria em capital universal e seria “o centro de irradiação e orientação política, econômica e social do mundo” e concluiu com um fato um tanto quanto inesperado: “sob a presidência vitalícia do jovem presidente John Kennedy” (p.21).

Acreditava o autor que John Kennedy deveria ser o futuro presidente de um governo mundial, “com a aliança de todos os partidos e todas as nações e todas as religiões, tendo por princípio o preceito do amai-vos uns aos outros” (p.21/22). Drago conta que, quando em uma visita a Brasília, pela segunda vez, na igreja de Santa Cruz, no Cruzeiro, teve uma visão de John Kennedy assumindo a última eleição do que ele chamou de América Unificada, com capital em Brasília, e este estava “despido de ambição humana e riqueza material, para uma dedicação de corpo e alma (...) por amor à humanidade (...)”

⁸ Segundo o dicionário Houaiss: Indivíduo destemido e cavalheiresco; indivíduo sempre pronto a defender os oprimidos e a lutar por causas justas

⁹ O livro é impresso ainda em datilografia e não tem participação editorial. É intitulado: “O mundo sem alma, mensagem de Brasília de amor e de paz e de esperança para todos os habitantes de nosso planeta” com as seguintes datas registradas: 31-12-1968 / 1-1-1969.

A Localização Geográfica

A escolha do local para construir a nova capital gerou um debate que durou longo tempo. No entanto, a escolha não se deveu apenas a aspectos físicos ou geopolíticos. Diz Giuseppe Drago:

“Brasília se me afigura como essa nova terra de promessa, capaz de abrigar um aglomerado humano de todas as raças, religiões e ideologias, aptas a converterem-se na Capital da América e do mundo, como centro irradiador de uma nova civilização, com preparo moral, cultural, político e social e mais que tudo espiritual suficiente para superar as lutas ideológicas e raciais e estabelecer o bem-estar social (...)” (p.20/21).

Drago acredita que o Planalto Central é um lugar privilegiado, um “recanto do planeta Terra” (p.122). Brasília teria surgido como que por encanto e as energias boas que aqui se recebe vem do que ele considera como “chama sagrada viva e imorredoura”.

“Brasília está desempenhando, nesta hora difícil de toda a humanidade, o sagrado papel da mãe natura, que está no seu estado de maturidade e de gestação, dando a luz à Nova Era do amor, que vem do perdão, que deve nascer da renúncia individual, para o bem estar coletivo, humano, impessoal e divino” (p.127)

A sociedade Eubiótica também trouxe algumas profecias. Tratou de temas como a potencialidade evolutiva da América do sul, em que o Brasil, como área central do território, será “o Ponto de origem, o berço de uma nova civilização”. E complementa:

“Esta promessa de uma nova forma de vivência sobre a Terra faz do Novo Mundo, do continente Sul-Americano e, mui especialmente, do Planalto Central do Brasil, a Terra da Promissão, isto é, da promessa que, dentro da Tônica Avatárica¹⁰ do Novo Ciclo, constituiremos as bases

¹⁰ Segundo o Dicionário Houaiss, a palavra Avatar significa: processo metamórfico; transformação, mutação

étnicas de uma Nova Raça que vai elaborar e reconstituir uma nova civilização” (SOUZA,1968, p.537).

No Livro do autor Ruy Fabiano (2005), “Profanação”, também encontramos relatos importantes para o presente trabalho. Em um dos capítulos, o protagonista Gregório Pedra reflete sobre profetas e profecias. “Brasília, afirmavam, [os profetas] era a terra prometida. Havia uma atmosfera mística na cidade, que, conforme o estado de espírito do freguês, se apresentava mais ou menos intensa” (p.236)

Dentre alguns relatos místicos, o autor fala de Pietro Ubaldi, nascido na Itália em 1886 e formado em direito, curso extremamente cosmopolita para a época (quem sabe até mesmo para os dias atuais). Cresceu absorvendo influências franciscanas que lhe fizeram, inclusive, abdicar de uma fortuna que receberia com a morte de sua avó. Desvendou o que seriam as leis espirituais para os homens e suas relações sociais. Escreveu “24 livros de cunho espiritualista, em que abordava temas alheios ao *establishment*¹¹ de então: evolução espiritual da humanidade, fenomenologia mística universal, leis da fraternidade, do equilíbrio e do Karma” (p.239).

Pietro Ubaldi, quando em visita ao Brasil em 1951, ouviu vozes que lhe falaram do futuro do Brasil e, por isso, aqui ficou por vinte anos, até morrer. Disse-lhe uma dessas vezes:

“O Brasil é verdadeiramente a terra escolhida para o berço desta nova e grande idéia que redimirá o mundo. Agora tua missão é acompanhá-la com tua presença e desenvolvê-la com ação, de forma concreta. Todos os recursos te serão proporcionados (...). Eis que se inicia uma nova fase de tua missão na terra e, precisamente, no Brasil.” (UBALDI *apud* FABIANO, 2005, p.241)

Ruy Fabiano cita também Chico Xavier, um mineiro que recebia relatos de “seres espirituais”, dentre eles o espírito Emmanuel, que lhe acompanhou por muito tempo e lhe revelou:

“O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do

¹¹ Grupo sociopolítico que detém poder, controle ou influência

planeta, mas, também, a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do Orbe¹² inteiro” (XAVIER *apud* FABIANO, 2005, p.241)

Além disso, há quem acredite que aqui reside um Chakra¹³ da humanidade; que os cristais encontrados em terras profundas do Planalto Central são símbolo de um lugar místico, e ainda que Brasília e seu entorno são locais de pouso de disco voadores, pela importância espiritual que possuem.

Alto Paraíso é considerada quase que consensualmente como o Chakra cardíaco do planeta. Chakra, em sânscrito, significa roda, centro, plexo. A anatomia e a fisiologia hindus ensinavam que o corpo humano tem sete Chakras principais, desde a base da coluna vertebral até o alto da cabeça. Utiliza-se a mesma compreensão para a terra, que teria vários Chakras. O Chakra cardíaco seria onde bate o coração do planeta. (SIQUEIRA, 2003, p.41)

A Simbologia Egípcia e Brasília

Na tese da professora Iara Kern (1984), percebe-se a importância às formas piramidais em Brasília. Trabalhou-se aqui com cada uma individualmente, porém, de maneira sucinta, de modo a vislumbrar-se um parâmetro sobre a teoria sem negar possíveis interpretações individuais.

1. A Pirâmide de Dom Bosco

No Antigo Egito, havia o costume de construir templos próximos à água, como um significado simbólico de se estar próximo ao “lago sagrado”. Em Brasília, o mesmo aconteceu com a construção da Ermida Dom Bosco, que, além de ter uma forma piramidal, repousa “tranquila e bela, junto ao lago Paranoá, voltada para cidade, vendo

¹² Segundo o dicionário Houaiss: o mundo, a Terra, o universo

¹³ Chacras são centros de acumulação espiritual presentes no corpo e em algumas regiões da Terra

toda a história de Brasília, os dias amanhecerem e a noite se pôr” (p.19). Teria sido construída com o mesmo objetivo que os antigos egípcios buscavam para a construção de templos: uma forma de homenagear alguém.



Figura 5: Ermida Dom Bosco - fotografada por Pedro Paulo Rosa

2. A Pirâmide da CEB

No Egito, existem formas piramidais erguidas em degraus. A pirâmide de Sákara é uma delas e foi descrita pela autora como “a mais antiga estrutura de pedra talhada, erguida pelo homem, em todo o mundo” (p.29). O seu interior está bem preservado e, como em todas as pirâmides, tem como função proporcionar as “eternas moradas” às figuras de grande importância na história egípcia.

A pirâmide de degraus que guarda a energia cósmica em Brasília é o prédio da CEB, que “existe na mesma forma, com as mesmas medidas (...) para guardar a energia física, de Brasília e Cidades Satélites [final, estamos tratando da Companhia de Eletricidade de Brasília]”

Além disso, há um pássaro que pode ser visto no alto do prédio na parte de trás, imagem que representaria Ibis, o pássaro do Antigo Egito, guardião das pirâmides.



Figura 6 e 7: CEB – 6. fotografada por Pedro Paulo Rosa. 7. Pintura Byron de Quevedo retirado de Kern (1986)

3. Congresso Nacional e Rodoviária

A Rodoviária e o Congresso Nacional também têm sua simbologia. A Rodoviária seria um H deitado que ocupa três planos da terra: um subterrâneo, um ao nível da terra e outro sobre a terra. O plano inferior, que dá passagem entre a Asa Norte e a Asa Sul (e vice e versa), seria como o ID; o plano da terra, o EGO; e o plano superior, o SUPER-EGO. O conjunto dos três planos resultaria na representação do homem mortal.

Na frente da Rodoviária, está edificado o Congresso Nacional, com uma arquitetura em forma de H em pé, representando o homem imortal e espiritual. Além disso, as duas conchas, uma de cada lado do Congresso, unidas, formam uma esfera que é o “símbolo do Universo” (p.33).



Figura 8 e 9: Congresso Nacional – 8. fotografada por Pedro Paulo Rosa. 9. Pintura Byron de Quevedo retirado de Kern (1986)

4. Catedral e Itamarati

A Catedral também tem forma piramidal, mas não é apenas isso que a assemelha ao Egito. Assim como muitos prédios de Brasília, é subterrânea, “ligando a Cúria, a Sacristia e o Batistério” (p.34). Para entrar, atravessa-se um túnel escuro e, no final da passagem, a claridade emerge, levando o homem das trevas à luz. A autora faz ainda mais correlações espirituais, como, por exemplo, com os três anjos dentro da Igreja, que seriam a representação da Santíssima Trindade, e a água que a circunda seria a representação de um lago sagrado.

Os profetas na frente da Igreja também têm, para a professora, um significado simbólico. São três de um lado e apenas um na frente. Como o apóstolo João foi o que disse mais coisas, escreveu inclusive sobre o Apocalipse, está na frente dos outros três, porque merece mais atenção. No Egito, as estátuas também se organizavam de acordo com o grau de importância.

Segundo a autora, em Brasília, tudo está construído dentro da numerologia egípcia e da Cabala Hebraica. “A Catedral é feita dentro da simbologia antiga (...) é sustentada por 16 colunas, assim como o Palácio da Alvorada. O número 16 na Cabala Hebraica como no Tarot Egípcio é o número do Templo”.



Figura10, 11 e 12: Catedral – 10 e 11. fotografada por Pedro Paulo Rosa. 12. Pintura Byron de Quevedo retirado de Kern (1986)

5. Cemitério

A Espiral como representação da evolução espiritual faz parte de uma doutrina espírita muito antiga. A própria matemática reconheceu sua importância, quando descoberta a Sequência de Fibonacci, que levava à proporção áurea. Isso foi possível através do estudo de espirais em caracóis, folhas e outras fontes naturais. A sequência começa com 0 e 1 e vai crescendo a partir da soma dos dois algarítmos anteriores. Resulta em uma sequência basicamente assim: {0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13...}

A razão áurea, obtida através da sequência de Fibonacci, indica o quão proporcional e simétrico é um objeto ou mesmo uma pessoa. Monalisa foi pintada dentro dessa proporção. Por ser, como matematicamente comprovado, uma representação da perfeição e por tender ao infinito, a espiral adquiriu simbolismo transcendental. O cemitério de Brasília foi construído em formato espiralado e representa, segundo a autora, que o homem, ao morrer, parte para outra faixa da espiral em busca da evolução espiritual, um ciclo que leva ao ponto de partida. Para a professora, até no cemitério Brasília é mística.

Espirais podem ser encontradas desenhadas tanto na LBV – Legião da Boa Vontade, como na Catedral de Brasília.

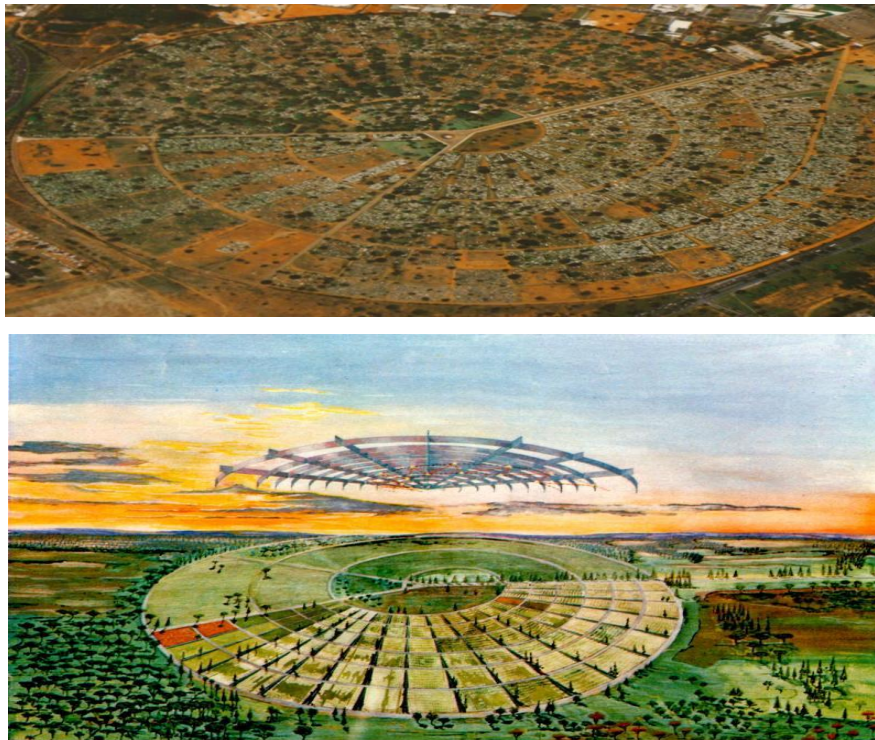


Figura 14 e 15: Cemitério – 14. fotografada por Pedro Paulo Rosa. 15. Pintura Byron de Quevedo retirado de Kern (1986)

6. Memorial JK

Além de possuir a forma da base de uma pirâmide, o Memorial JK tem uma função equivalente, abrigar o túmulo de um governante, no caso, JK. Diz-se que no dia 21 de abril, dia do aniversário de Brasília, a luz incide exatamente no meio do Congresso Nacional, iluminando diretamente o memorial JK, dando a impressão de que se está em um templo egípcio.



Figura16: Memorial JK – fotografada por Pedro Paulo Rosa

Para publicação de seu livro, Iara Kern pediu que Byron de Quevedo pintasse alguns quadros que ilustrassem sua teoria. Na entrevista, Byron pôde revelar como isso aconteceu. Iara lecionava Antropologia Cultural na Universidade de Brasília e deu-lhe livros sobre o tema que havia estudado para sua tese. Isso o cativou a pesquisar, de modo que, aos poucos, foi encontrando relação.

Nas dez telas pintadas por mim, procurei dar beleza e poesia às chamadas coincidências entre os prédios e palácios brasilienses e as ruínas egípcias. E foi fazendo o trabalho que fui verificando que de fato havia grande semelhança entre as duas arquiteturas. Quanto às questões místicas sobre o tema, elas são melhores explicadas pela criadora da tese.

Ao ser perguntado sobre o futuro do Brasil, afirmou que nosso país ainda será considerado um pacificador para muitas questões internacionais de grande importância. Quanto a Brasília, acredita que também terá papel importante no mundo e não nega que a cidade seja envolta por misticismo, pois como ele mesmo diz:

É sem dúvida intrigante que uma crença num futuro pródigo tenha começado e se concretizado,

baseando-se a previsão não em bases científicas, mas sensoriais [referente ao sonho de Dom Bosco]. Ou seja, a cidade já teve desde suas primeiras concepções, o componente místico.

Contou um fato muito interessante: uma vez, quando morava nos Estados Unidos, assistiu a um debate com dirigentes da NASA. Eles confabulavam sobre qual local da Terra seria mais seguro caso houvesse uma guerra nuclear entre EUA, URSS e China. Byron transcreveu, com suas palavras, o que o Diretor Geral da NASA teria dito (no entanto, não se lembra o nome dele):

Em qualquer das hipóteses a Terra se tornaria um inferno para se habitar. Mas o Planalto Central do Brasil, onde se situa sua capital, por ter o terreno mais compactado do mundo e com subsolo sem cavernas, seria o local mais seguro. Claro que horas depois das explosões nucleares, a radioatividade acabaria chegando por lá, mas os efeitos seriam menores. A área total do Planalto Central é composta por um tipo de saibro amarelado, o que significa ser aquele um terreno muito antigo, denso e pouco afeito a tremores de terra.

Conclusão

Dois mitos constituem a cidade: o primeiro se refere à cidade moderna e planejada e o segundo a terra prometida, idealizada como o berço da nova civilização. A partir da análise da segunda vertente obtiveram-se alguns resultados.

Primeiramente, através da retrospectiva efetuada sobre o processo de interiorização, percebeu-se que o místico já estava presente em seus idealizadores, pois esses acreditavam, de certo modo, que a partir do deslocamento da capital o Brasil alcançaria progresso. Na análise das profecias da Nova Era, concluiu-se que muitas delas têm relação direta com Brasília, ou seja, acredita-se que o Brasil será o futuro da humanidade, através de sua capital, a terra prometida.

Além disso, conclui-se que Brasília, ao lado de suas funções políticas e econômicas, é também centro de concentração do imaginário popular. Tem-se, por trás da paisagem institucional, uma cultural, construída pela subjetividade do homem e suas

experiências íntimas, nas relações com o lugar em que vivem. O misticismo, o mito e a crença na Nova Era moldam uma cidade diferenciada, única. Aqui, pretendeu-se descrever alguns relatos que pudessem comprová-lo.

Não houve, nem seria possível, a pretensão de esgotar o tema. Muitos outros místicos e instituições religiosas e iniciáticas que aqui vivem e atuam poderiam ter sido ouvidos e citados. O estudo quis apenas fornecer o esboço de um tema, rico e fascinante - a Brasília Imaginária -, que aguarda aprofundamento.

Brasil, “Nós temos a oitava maravilha. Brasília, capital da esperança.” (Música de Capitão Furtado)

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1210 Pág. 2007.

CLAVAL, Paul. A Paisagem do Geógrafo. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs); *Paisagens, Textos e Identidades*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 13-74.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (orgs); *Manifestações da cultura no espaço*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58.

DRAGO, Giuseppe. *O mundo sem alma: mensagem de Brasília, de amor, de paz e de esperança para todos os habitantes do nosso planeta*. Brasília, 1969.

HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. 2ª Ed. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 383 pág. 2006.

KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª Ed. (tese de doutorado). Brasília, 128 pág. 1984.

RABELLO, Ruy Fabiano Baptista. *Profanação*. São Paulo: A Girafa Editora, 256 pág. 2005

SIQUEIRA, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 130 pág. 2003.

SOUZA, Carlos Lucas de. *Orgão Monumental da Civilização Eubiótica*. Brasília: Ed Gráfica Alvorada, 575 pág. 1968.